Luís Araujo Pereira não deixa por menos. Escreve como quem desafia. Desafia a si próprio e ao leitor. Para ele, o fingimento típico dos poetas, o desamor, o lúdico, o crítico e o uso cortantemente irônico da palavra. Das palavras, muitas delas, “words”, “paroles” possíveis. Da libertina à libertária, concreta, moderna — todas. Para o leitor, o convite/desafio a partilhar referências múltiplas. Referências da própria palavra e fora dela, poesia pura, nada puritana. Essas Minigrafias encontram eco nas Linhas que o poeta traçou em livro de 1994. E vão além, muito além, num mosaico/móvil de novos sentimentos, novos interesses, sensações do vivido e suas conexões: cinéfilas (cinematográficas?), políticas, metalinguísticas e filigranas de convenções sociais. Nas mãos de um escrevente habilidoso como ele, isso torna-se um retrato cru da vida, às vezes cruel, mas normalmente bem-humorado. Cenas mezinhas viram poemas de uma simplicidade lampejante. É a palavra lapidada com exegese, mas ofertada como melodia. O leitor verá aqui a poesia tratada não como janela, aquela descrição idílica da palavra como reveladora de epifanias. A poesia de Luís Araujo Pereira é uma espécie de fresta da realidade prestes a ser descoberta e, naturalmente, encoberta, interrompida. Ganha o leitor que melhor souber espiar por ela. Quase não há rimas, e isso não parece derivar de uma opção modernosa pela forma. Ao contrário, até as há, mas são irregulares, tortas, a serviço do (con)texto, não da forma. E, principi-palmente, nunca gratuitas. As referências do autor aparecem ora claras como água, ora enigmáticas, exigindo mais do leitor. É uma escrita reverencial a Bandeira, Cabral, Cortázar, mas também muito autoral. Até em homenagens pessoais, escorre a veia universal — e nada regional. Essa nova coleção de poemas de Luís Araujo Pereira mostra-se ao final um minicompêndio denso, provocativo, desafiador mesmo, mas sobretudo fluido e marcante.

Edson Wander

A poesia como leveza e corrosão

Fernando Cerisara Gil

Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Paraná.

Minigrafias é livro de poesia estranho. O leitor pode facilmente se deixar enganar por ele, ou, talvez, pode dizer-se que ele pode facilmente enganar o leitor. O leitor enganado vai passar leve e sabido por este pequeno conjunto de poemas.

Se o leitor, entretanto, for um pouco mais atento, vai notar que a facilidade dos textos de Luís Araujo Pereira é uma armação. Uma armação nos dois sentidos do termo: antes de tudo trata-se de um procedimento artístico muito consciente cujo resultado aparentemente obtido — mas não ilusório! — é o deste aspecto de coisa leve, breve e com certo ar de graça que atravessa o conjunto dos poemas. Muito dessa leveza procede da combinação dos recursos de expressão de que se utiliza o nosso Autor: um vocabulário simples, reduzido à dimensão cotidiana; um ritmo encadeado por versos curtíssimos que compõem estrofes e poemas de tamanho também mínimos; uma configuração de imagens poéticas que tende, muitas vezes, ao instantâneo, sem perder de todo uma certa dose de concretude e de nonsense misturada.

Minigrafias radicaliza algo que já estava presente no belo livro anterior de Luís Araujo Pereira, Linhas (Editora da UFG, 1994): a redução ao mínimo dos recursos de expressão, a técnica da notação breve, do verso aos núcleos temáticos abordados.

“Os minimundos vazios”, “uma vida/ em mínimos traços”, “mínimas paisagens”: este parece ser um dos trilhos perseguidos pelo poeta aqui. Resulta daí, creio eu, a impressão de leveza no andamento geral do livro. Mas esse andamento ágil, leve, torna-se aparência — de leitor que se engana! — se deixarmos de perceber uma espécie de contraface que se articula a essa sensação de leveza.

Eu diria que há alguma coisa de calviniano no andamento da poesia de Minigrafias, ou, melhor dizendo ainda, de uma sugestão de leveza calviniana que se mostra ao avesso. Explico-me ao leitor: para o escritor italiano Italo Calvino a leveza é um mundo humano, é uma reação do das virtudes contra o peso cada vez maior ao peso do viver.

dele fala — e para além do Cerrado. Tempo este que está a revelar que “tudo/ tende ao desastre”, ao desgaste, à corrosão. marcar um tempo lento, moroso, quase imperceptível: um tempo do Cerrado — espaço a partir do qual o poeta percebe o mundo e Embora composta com leveza breve, quero acreditar que a poesia de Luís Araujo Pereira está cheia desse peso do mundo, não dos “cemitérios de automóveis enferrujados” — mas um peso que resulta do Tempo que age sobre tudo e sobre todos. Um tempo-réptil, que se afigura como “um relógio que desanda” a

Como compreender essa articulação

poética díspar? Trata-se de uma leveza que procura esconder o movimento corrosivo das coisas? Ou seria uma leveza que se constitui como corrosão de tudo? Ou então uma corrosão que se esconde, se disfarça na aparente leveza da forma? Ou ainda uma corrosão que adquire a sua forma no seu modo leve de ser? forças antiéticos se entrecruzam e se inter- Acho que esses sentimentos e essas relacionam, se aproximam e se distanciam, se atraem e se repelem, configurando o movimento mesmo particular do livro assim como a sua força. Só que para captar o ritmo dessa ruína que nos é ofertada com brevidade e que nos envolve com a sua delicadeza, o leitor terá de entrar no texto com os olhos de enxergar. Talvez um olhar semelhante ao do próprio poeta que sabe que a superfície e a aparência das coisas mais encobrem a realidade do mundo do que a revelam.

Por isso, o nosso poeta busca outro poeta que lhe diz que as coisas talvez sejam mais bem compreendidas pelo postigo, pelas frestas — ali onde “tudo o que a vista desalcança/ — os minimundos vazios —/ diante de uma veneziana/ entreaberta”.

O olhar com que o poeta atenta-se à vida não se limita, entretanto, à poesia

de João Cabral de Melo Neto, que também dá a nota de abertura e de fecho ao livro. Há algo de Oswald de Andrade na técnica de notação breve e no humor, assim como há algo de uma certa simplicidade de Manuel Bandeira escondida nessas linhas.

É um olhar, o do poeta, ligado para o que fomos e para o que somos.

Estas foram algumas das paisagens que Minigrafias me sugeriu no momento

em que pus o olho pelas suas frestas. Frestas diminutas, é verdade, mas que nos surpreendem pelo que podemos enxergar a partir delas.

Veja você, leitor.